

Limites e Possibilidades do Uso da História de Vida em Pesquisas com Refugiados no Brasil

Rafael Cuba Mancebo¹
Alessandra de Sá Mello da Costa²
Luís Alexandre Grubits de Paula Pessôa³

O presente trabalho teve o objetivo de analisar o uso do aporte teórico-metodológico da história de vida para o desenvolvimento de pesquisas que trabalhem com temas sensíveis e atuais como o dos refugiados e seu reflexo nas pesquisas em Administração no Brasil. Para isso, apresentamos a história de vida como uma abordagem que permite a compreensão de questões macrossociais a partir da voz do indivíduo e da sua experiência, e, em seguida, algumas questões epistemológicas e metodológicas que auxiliam na compreensão da relação do sujeito com o social, mais especificamente, em como a experiência de um grupo pode ser compreendida a partir das histórias que essas pessoas contam. O levantamento bibliográfico feito mostrou que ainda há silêncio na área de Administração no que toca à realidade dos refugiados, e em como a utilização de métodos que olhem para os indivíduos diante de problemas sociais tão complexos pode ser um importante caminho para a superação desses problemas e para uma maior aproximação entre pesquisas e a mudança social.

Palavras-chave: História de Vida; Pesquisa Histórica; Refugiados; Metodologia de Pesquisa.

Limits and Possibilities of the Use of Life History in Refugee Research in Brazil

The aim of this work is to analyze the use of the theoretical and methodological contributions of life history methodology for the development of researches linked to sensitive and current themes- such as the refugees theme. Also, we aim to exam the reflections of these results in Business Administration researches in Brazil. To that end, we rely on the life history methodology as an approach that provides the understanding of macro social issues through the voice of the individual and through their experiences. Moreover, we also present some epistemological and methodological questions that help us to understand the relationship between the individual and the community and, more specifically, how the experience of a certain group can be understood from the stories its people tell. The bibliographical survey has shown that the applied social sciences remain silent when it comes to the reality faced by refugees. The use of methods that take the individual into consideration vis-a-vis such complex social issues can constitute an important way to overcome these problems and, thus, to establish a closer relationship between our researches and social changes.

Keywords: Life History; Historical research; Refugees; Research Methodology.

¹ Mestre em Administração de Empresas pelo Instituto de Administração e Gerência da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IAG/PUC-Rio). Doutorando em Administração no IAG/PUC-Rio. Endereço: Rua Marquês de São Vicente, 225 – Gávea - CEP: 22451-900 - Rio de Janeiro, RJ. E-mail: cuba.mancebo@gmail.com.

² Doutora em Administração pela Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas (EBAPE/FGV). Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IAG/PUC-Rio). Endereço: Rua Marquês de São Vicente, 225 – Gávea - CEP: 22451-900 - Rio de Janeiro, RJ. E-mail: alessandra.costa@iag.puc-rio.br.

³ Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM/SP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IAG/PUC-Rio). Endereço: Rua Marquês de São Vicente, 225 – Gávea - CEP: 22451-900 - Rio de Janeiro, RJ. E-mail: lpessoa@iag.puc-rio.br.

<http://dx.doi.org/10.21714/2237-51392018v22n3p038053>.

Artigo recebido em 15/11/2017 e aprovado em 23/10/2018. Artigo avaliado em *double blind review*.

Editora responsável: Isabel de Sá Affonso da Costa



1. Introdução

Ainda que em fase aguda, o fenômeno migratório que vem acontecendo em países no mundo todo não é recente e não se mostra próximo de uma solução. Diante desse cenário global com números cada vez maiores e mais alarmantes, se faz necessária a discussão acerca das transformações sociais e dos obstáculos pelos quais milhares de pessoas passam na busca por sobrevivência. Nesse contexto, o Estatuto do Refugiado brasileiro completa 20 anos desde a sua criação, colocando em evidência, no Brasil, as discussões relacionadas ao tema e o seu papel na elaboração de leis e de um programa de acolhimento a milhares de refugiados.

Vale ressaltar que o Brasil conta hoje com mais de 2.800 refúgios emitidos e enorme desafio na ressocialização desses indivíduos. De acordo com Jubilut (2006, p. 23 tradução nossa), algumas características do Brasil contribuem para uma visão de país acolhedor, como "1) suas dimensões continentais; 2) as relações pacíficas com países vizinhos; 3) uma história diplomática na construção da paz e 4) unidade linguística em um ambiente multiétnico".

Por outro lado, é importante a atenção para a crescente resistência e para o preconceito que barram a entrada da maior parte dos refugiados no mercado de trabalho e em atividades sociais, a partir de práticas silenciosas e de barreiras culturais, que parecem intransponíveis e que, de forma velada, marginalizam e reforçam o Brasil acolhedor como um mito. Desse modo, conhecer a trajetória histórica desses indivíduos pode ser enriquecedor para que se compreenda melhor todo esse contexto, e se abra espaço para a discussão de estratégias de superação e de mudança social, a partir da história de vida de quem a vive.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar o uso da história de vida para o desenvolvimento de pesquisas que trabalhem com temas sensíveis e atuais, como o tema dos refugiados, e o reflexo desse tema nas pesquisas em Administração no Brasil.

Para isso, é apresentada uma discussão teórico-metodológica a respeito do uso de histórias de vida e do seu alto grau de impacto para entrevistados, para o entrevistador e para a compreensão de uma realidade social específica.

A esse respeito é importante destacar que, diante de questões muito pontuais, os métodos biográficos - aqui circunscritos à pesquisa com história de vida - estão além dos nós epistemológicos, visto que podem ser um elo de compreensão de o que seriam as questões de nível macro com as questões do indivíduo e do seu olhar no mundo. Em outras palavras, a pesquisa biográfica se apresenta como abordagem que permite a ligação de eventos macrosociais a partir do nível individual, e, mais do que isso, uma (re)conexão entre o individual e o coletivo, visto que essas histórias levam o pesquisado para um campo social (BARROS e TARABAL, 2014).

No que tange à relação pesquisador-pesquisado, Barros e Tarabal (2014, p. 58) apresentam a descentralização do pesquisador, onde

O que nos anima e inspira é o que consideramos ser a grande contribuição do método biográfico, especialmente do recolhimento de histórias de vida: sua condição de retirar o pesquisador dos saberes explicativos, ilusoriamente objetivos, susceptíveis de serem colocados a serviço de estratégias de dominação, e conduzi-lo.

Ademais, o trabalho com histórias de vida provoca, no pesquisador, uma reflexão sobre seu trabalho e sobre sua vida (BARROS e TARABAL, 2014), e mais do que isso, sobre o papel de sua pesquisa no mundo e a quem ela serve.

As implicações metodológicas dessa abordagem vão desde discussões sobre a cientificidade dos métodos até o posicionamento de quais caminhos serão tomados para a sua operacionalização. Sobre isso, muitos autores apresentam a possibilidade de se analisarem as histórias de vida, e suas implicações sociológicas e históricas, a partir de sua consideração como uma narrativa, e, dessa forma, a possibilidade do uso de métodos complementares para a compreensão de fenômenos mais complexos (BERTAUX e KOHLI, 1984; OCHS e CAPPS, 1996; GUÉRIOS, 2011; BARROS e TARABAL, 2014 e outros).

Assim, a presente pesquisa se desenvolveu a partir de três etapas, iniciada por pesquisa bibliográfica para discutir as implicações teórico-metodológicas do uso de história de vida em pesquisas com refugiados. Em seguida, foi aprofundado o estudo sobre os dados e sobre as questões relacionadas aos refugiados no Brasil, e, por fim, foi realizado levantamento bibliográfico, a partir das técnicas de estudo bibliométrico, para mapear os trabalhos publicados sobre o tema na área da Administração.

2. Referencial Teórico

2.1. História de vida: (des)caminhos epistemológicos

Nos últimos anos, pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento têm utilizado métodos biográficos, dentre os quais destaca-se a história de vida. Dessa maneira, é importante ressaltar a contribuição dessa abordagem para os estudos desenvolvidos nos campos das ciências sociais e das ciências sociais aplicadas, a partir de sua relação com a chamada Escola (Sociológica) de Chicago, assim como as novas perspectivas epistemológicas que emergiram nesse processo, principalmente após a década de 1970 na França.

De acordo com Barros e Tarabal (2014), a Escola de Chicago contribuiu para uma sociologia voltada à pesquisa de campo e a novos métodos de investigação, dentre eles o uso de documentos pessoais e histórias de vida. Criada em 1892 a Universidade de Chicago fundou em 1895 o departamento de sociologia, chefiado por Albion Small, que tinha, como um dos objetivos, formar doutores que pudessem ensinar essa ciência em outras partes do país, com grande interesse nos problemas sociais vividos nas grandes cidades americanas da época (BECKER, 1996).

Essas pesquisas desenvolveram e evidenciaram o uso de novos métodos, e contribuíram com os estudos qualitativos que passaram a ganhar espaço entre as décadas de 1920 e de 1940 nos Estados Unidos. Para Becker (1996, p.177), intelectual da segunda geração da Escola de Chicago, “de um determinado ponto de vista, que defendo com firmeza, a história da sociologia não é a história da grande teoria, mas a dos grandes trabalhos de pesquisa, dos grandes estudos sobre a sociedade”. Por esse motivo, em geral, o objetivo dos pesquisadores na época era compreender fenômenos sociais a partir do uso de métodos que melhor servissem aos seus estudos, sem um “apego religioso a métodos de pesquisa” (BECKER, 1996, p.186).

Dessa forma, destacam-se aqui os métodos biográficos daquela que ficou conhecida como a sociologia urbana da Escola de Chicago, e o trabalho seminal de William I. Thomas e Florian Znaniecki, intitulado *The Polish Peasant in Europe and America*, publicado em cinco volumes entre 1918 e 1920. Nessa pesquisa, Thomas e Znaniecki (1918) utilizaram vasto material biográfico, histórias de vidas e documentos, entre outros materiais, para analisar a vida de imigrantes poloneses nos Estados Unidos e a importância do grupo no processo de adaptação e de contato entre culturas diferentes.

Em suas notas metodológicas, esses autores discutiram o papel - e, em certa medida, a operacionalização - da pesquisa sociológica. Isso foi feito diante de questões epistemológicas e metodológicas que envolviam a forma como as ciências físicas realizavam, e realizam, seus estudos, e a forma como construíram um sentido de verdade, principalmente pelo uso de métodos quantitativos que permitiam a "comprovação" e a generalização de fenômenos. Para Thomas e Znaniecki (1918) as pesquisas sociológicas que trabalham com a relação entre o indivíduo e a sociedade, no modo como se constitui essa relação e a análise a partir de casos específicos, fazem um contraponto às abordagens mais objetivistas (THOMAS e ZNANIECKI, 1918).

Entretanto, ainda que os métodos biográficos - assim como as pesquisas de natureza qualitativa - tenham atualmente ganhado espaço, nem sempre foi assim. Sobre essas diferentes perspectivas e mudanças epistemo-metodológicas, destacam-se dois importantes eventos: a diminuição de pesquisas qualitativas e de caráter antropológico após a Segunda Guerra Mundial, e o ressurgimento do uso de histórias de vida na década de 1970.

No período após a Segunda Grande Guerra, o próprio departamento de Sociologia da Universidade de Chicago passou a desenvolver mais pesquisas quantitativas e com aplicação de *surveys*, muito influenciada pela abordagem dominante positivista e estruturalista. Por outro lado, com a ida de pesquisadores da Escola de Chicago para outras universidades, em outros estados, e mantendo a abordagem qualitativa em seus estudos, houve uma transformação de algo que até então estava muito localizado para algo mais amplo (BECKER, 1996). De acordo com Becker (1996, p.188), que participou ativamente nesse processo,

a Escola tornou-se uma espécie de perspectiva ou opinião global, e eu não sei muito bem se seria honroso chamar essa perspectiva de teoria, ou se seria embaraçoso considerá-la assim, porque na verdade ela é um modo de pensar, uma maneira de abordar problemas de pesquisa que estão muito vivos e presentes em boa parte do trabalho feito hoje em dia.

Ainda que muitos pesquisadores tenham continuado a desenvolver pesquisas com caráter mais interpretativo, a exemplo de Ervin Goffman e Howard Becker, o método de história de vida só voltou a ganhar força novamente a partir da década de 1970 na França, com os trabalhos de Daniel Bertaux (GUÉRIOS, 2011). Para Bertaux (1999), a crise sociológica que diziam existir no período na verdade se tratava de uma crise dos paradigmas hegemônicos, e do monopólio científico a que se propuseram os funcionalistas e estruturalistas franceses.

No Brasil não foi diferente. Com o predomínio do paradigma positivista, os relatos orais eram considerados muito subjetivos para serem utilizados em pesquisas. Como conta Queiroz (1988), com a grande mudança na estrutura social brasileira entre as décadas de 1950 e 1980,

e na forma como as populações rurais diminuíram significativamente ao passo em que aumentou a população urbana, para os pesquisadores ficou evidente a importância dos registros sobre estilos de vida que deixaram de existir e de depoimentos de grandes personalidades políticas, assim como do valor da voz das camadas mais pobres sobre as mudanças que viveriam. Abriu-se, assim, caminho para a utilização de histórias de vidas e relatos orais.

Entretanto, diferente de como ocorreu na França e na Itália, essa utilização não se deu, inicialmente, pela Sociologia ou pela Antropologia, mas pela Psicologia Social, que tinha o foco na conservação de lembranças e memórias da vida social, para, posteriormente, ser utilizada em pesquisas sociais (QUEIROZ, 1988).

Como exemplo das desaprovações aos relatos orais, Guérios (2011) apresenta crítica aos métodos biográficos por parte de Bourdieu em 1986: ao publicar texto seu intitulado “A ilusão biográfica” em número temático em sua revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Bourdieu (1996, p.189) apresenta o relato de vida como uma tentativa totalizante de análise, em que

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz de relações objetivas entre as diferentes estações. [...] Não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes- ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.

Em contraponto à crítica de Bourdieu (1996), Avelar (1989) apresenta que a relação entre o individual e indivíduo e entre o coletivo e o sistema social não devem ser colocados como opostos, mas com o social sendo resultado da relação entre indivíduos. Nessa perspectiva, as pesquisas sociológicas – e, mais especificamente, as pesquisas que utilizam os relatos de vida - não têm, como proposta, a generalização ou análises objetivas; ao contrário, trata-se “de enfatizar as trajetórias individuais para, por intermédio delas, percorrer em múltiplos espaços e tempos as relações nas quais elas se inscrevem” (AVELAR, 1989, p.165).

Ao analisar algumas pesquisas que utilizaram relatos biográficos, Guérios (2011) destacou que esta conexão entre o indivíduo e o social não é feita de forma simplista e direta: olhando-se para uma trajetória específica, é possível criar conexões com o social em que aquele indivíduo está inserido, seja ele uma aldeia ou um país, por exemplo. O importante, nesse ponto, é a ruptura que a história faz com os grandes eventos, inclusive pela impossibilidade de se relacionar e de demonstrar empiricamente eventos com escalas tão distintas.

Dessa maneira, um novo movimento propõe a compreensão de períodos históricos a partir “da vivência de indivíduos singulares, evitando operar com generalizações como as que eram comumente feitas neste campo acerca de “épocas” ou “idades”” (GUÉRIOS, 2011, p. 15).

2.2. De nó a elo: a história de vida como uma conexão entre micro e macro

*"O indivíduo é também um fenômeno social".
(Queiroz, 1988, p.28)*

Esses descaminhos epistemológicos-metodológicos ainda não foram superados, mesmo que a relevância da pesquisa biográfica já esteja clara para a academia. Nas palavras de Guérios (2011, p.13) este ainda é um "nó epistemológico", que envolve o objetivo *versus* o subjetivo, a parte *versus* o todo – significando o micro *versus* o macro – e o explicar *versus* o compreender.

Por outro lado, conforme defendem Barros e Tarabal (2015, p.49) e alinhado a outros trabalhos que se colocam de forma similar (BERTAUX, 1999; BOUILLOUD, 2009; GUÉRIOS, 2011), o método de história de vida é uma ponte entre a história individual e coletiva, já que a partir desses relatos individuais é possível olhar o social. Para as autoras,

as histórias individuais nos mostram, efetivamente, uma cultura, um meio social, um esquema de valores e de ideologias, pois como membro de uma coletividade – família, organização, classe social – o sujeito encontra-se, constantemente, em interação com estas. Ele faz parte de uma história coletiva.

Para Bertaux (1999) "o socioestrutural e o sociosimbólico são duas faces de uma mesma realidade, o social". Nesse sentido, os estudos que envolvem relações sociais consideram, também, esses dois níveis. A exemplo disso, o autor destaca pesquisa realizada por Norman Denzin sobre o consumo de álcool em bares, e como durante a pesquisa Denzin foi levado a buscar mais informações sobre as estruturas de produção das bebidas, e, com isso, a forma como se relacionam o micro e o macro como esferas do social, e que podem ser apreendidas a partir do relato de vida.

Ademais, Bertaux e Kohli (1984) defendem a capacidade multidisciplinar dessa abordagem, que tem, nesse novo surgimento pós-década de 1970, caráter multidisciplinar e multiparadigmático. Para os autores há uma

variedade de orientações que vão desde o interacionismo simbólico à fenomenologia, hermenêutica, etnosociologia, estruturalismo e variantes culturais do marxismo. Consequentemente, há uma ampla variação nas questões básicas colocadas e nos métodos de análise de dados utilizados. Alguns autores focalizam os pontos de vista subjetivos dos atores; Outros vêem sua tarefa como a reconstrução de estruturas de significado; Outros ainda tentam discernir relações sociais das quais os próprios atores não estão totalmente ou parcialmente conscientes (BERTAUX e KOHLI, 1984, p. 218, tradução nossa).

Nesse sentido, o trabalho com histórias de vida apresenta uma possível forma de compreender fenômenos sociais e a complexidade de se trabalhar com diferentes níveis de análise (GUÉRIOS, P. R., 2011). Essa discussão faz emergir não só questões relacionadas à contribuição dessa abordagem e seus métodos, mas também os desafios de como operacionalizá-la. Dessa forma, o número de entrevistas, a contribuição de métodos complementares na pesquisa e a relação pesquisador-entrevistado se colocam como pontos centrais para a sua consolidação e para seu caráter científico (BERTAUX e KOHLI, 1984; BARROS E TARABAL, 2015).

Além disso, ao extrapolar a fronteira da sociologia para outras áreas do conhecimento, a história de vida abriu caminho que permite a compreensão de questões históricas, sociológicas, individuais e da sua análise enquanto narrativa (BERTAUX e KOHLI, 1984). Essa forma de trabalhar as histórias de vida como narrativas se destacou, principalmente, a partir dos trabalhos de Paul Ricoeur (GUÉRIOS, 2011), e tem contribuído para pesquisas de viés interpretativo.

De acordo com Ochs e Capps (1996), a narrativa conecta o *self* com a sociedade, na medida em que permite que, a partir dela, a experiência seja formada, impondo uma ordem a eventos desconectados. Isso cria continuidade e constrói a ideia de passado e presente, fazendo com que histórias de vida sejam, também, narrativas e, desse modo, permitam a compreensão de como se dá a relação do narrador com o mundo e a relação entre a estrutura das narrativas com o discurso (BERTAUX E KOHLI, 1984).

À vista disso, o uso dos métodos biográficos – e, mais especificamente da história de vida - se apresenta como uma possibilidade de compreender o subjetivo, o coletivo objetivamente construído, e o social (BARROS E TARABAL, 2014). Assim, é possível relacionar os aspectos macrossociais com os microssociais, e tornar a pesquisa com história de vida um elo possível - e, mais do que isso, necessário - para a compreensão de questões sociais complexas, que se dão a partir de um desdobramento de uma perspectiva da microhistória para compreender eventos macrossociais (ver Ginzburg, 1989).

Ao trabalhar nessa perspectiva que traz a voz do sujeito como um elo entre as suas experiências individuais e questões mais amplas do macrossocial, a história de vida se destaca pela capacidade contributiva de análise e de compreensão das questões atuais que envolvem situações sociais específicas e agudas.

A esse respeito destaca-se a possibilidade de contribuição e de construção de soluções a partir da práxis de pesquisa, e no modo como a pesquisa histórica - e mais especificamente, a pesquisa com histórias de vida - pode ser um passo não só para a transformação da realidade, no sentido de evidenciar e problematizar questões relacionadas a temas sensíveis, como também para propor caminhos de superação. Assim, tanto a descrição de fatos, como a busca de sentidos, dimensões da história de vida apresentadas por Barros e Tarabal (2015), viabilizarão o olhar para uma realidade a partir da narrativa e da experiência de quem as vive.

Nesse sentido, a próxima seção apresenta algumas questões no que toca à situação de milhares de refugiados. Dessa forma busca-se refletir sobre o uso de história de vida e sobre o desenvolvimento de uma agenda que privilegie a compreensão e, em certa medida, a intervenção a partir da reflexão sobre essa situação. Essa última não é apenas uma conexão possível, mas necessária e urgente, não só por levantar questões estruturais e sociopolíticas da situação, mas para abrir espaço para a voz de quem a vive todos os dias.

3. Sobre Muros, Pontes e a “Cegueira moral”: um Breve Contexto sobre os Refugiados no Brasil

*“O destino dos choques é transformar-se na rotina tediosa da normalidade – e o dos pântanos é desgastar-se e desaparecer da vista e das consciências”
(BAUMAN, 2017, p.8).*

De acordo com o Ministério da Justiça do Brasil, o refúgio é

de terras empobrecidas, sem perspectiva alguma, para lugares de sonho, ricos em oportunidades”.

Por outro lado, o principal critério que pauta as políticas de refúgio é a garantia da sobrevivência de milhares de pessoas que chegam ao Brasil fugindo de guerras e de crises de estado que inflamam situações de extrema miséria e de violação dos direitos humanos. Para Bauman (2017) esses casos ocorrem desde a era industrial, e tenderão a se manter e crescer diante das diferenças existentes entre as condições de vida em países que concentram maior renda.

Pensando-se na própria história do Brasil, o tema foi encarado de diferentes formas, tanto na perspectiva dos imigrantes desejados para a construção do “progresso” entre os anos de 1850 e 1914, como na figura do “estrangeiro nocivo” nas décadas de 1920 e 1930, e no padrão que se construiu sobre um perfil ideal de imigrante economicamente qualificado e com níveis mais altos de formação (VILLEN, 2012, p. 116).

O mais alarmante é que a resistência de grande parte da população mundial em acolher refugiados é crescente, e aumenta o desafio do trabalho de elaboração de políticas públicas para a integração desses indivíduos e para a restauração da dignidade deles como cidadãos.

Seguindo a análise de Bauman (2017), a forma como parte da população e dos governantes não conseguem lidar com esse fenômeno coincide com assustador aumento de casos de xenofobia, de racismo e de vitória de líderes nacionalistas em disputas eleitorais. Isso porque é muito difícil, para as pessoas, lidarem com o diferente, com o que é estranho e novo, e com o que pode ser considerado uma “ameaça” aos direitos conquistados pela população nativa do país (BAUMAN, 2017).

A esse respeito, somos alertados, por esse mesmo autor, de o que ele chama de “cegueira moral”, ou, em outras palavras, uma “fadiga da tragédia dos refugiados” (p.7). Nela, a população – e, principalmente, a grande mídia - deixa de dar atenção a toda calamidade na qual passam os refugiados e à forma como são tratados, ou deixa de se chocar com a ofensa moral que é a forma como vivem essas pessoas em sua luta diária pela sobrevivência.

A consolidação de políticas públicas e a organização da sociedade civil no amparo a essas pessoas é passo essencial para a quebra das barreiras por eles enfrentadas. A esse respeito, atividades relacionadas ao emprego e ao trabalho vêm se mostrando um caminho a ser percorrido junto com etapas que envolvem a obtenção de documentação, cursos de português, e incentivo e capacitação para a atividade empreendedora e para o mercado de trabalho (BRASIL, 2016).

Longe de ser trivial, esse é um trabalho que envolve outras questões que não devem ser deixadas de lado, e que vêm recebendo especial atenção em estudos que tratam dessas etapas do processo de ressocialização, problematizando questões. Dentre essas, destacam-se o papel da documentação na manutenção do estado de marginalização dos migrantes e sua constante condição provisória - ver em Villen (2016, p. 118) a discussão sobre os “indocumentados” - como também o processo de ressocialização como método de aculturação, seja pelo novo idioma e pelas implicações linguísticas e culturais relacionadas a isso, seja pela relação entre indivíduo e (novos) grupos (RUDMIN, 2003). Em tempo, o termo “migração” nesse artigo utilizado abrange, conceitualmente, imigrantes e refugiados.

Alinhado aos objetivos da presente pesquisa, o trabalho com essas pessoas é fundamental para o reestabelecimento de suas vidas e contribui para a superação de problemas tão agudos. Sobre isso, Barros e Tarabal (2014, p. 50) já haviam sinalizado o modo como

Alguns contextos são particularmente fecundos quando estudados através de histórias de vida, como os movimentos e mudanças sociais, os fenômenos de migração, de mobilidade social, de marginalização e exclusão, as repercussões de crises econômicas e sociais, o advento de certas formas de individualismo, de solidariedades, de sociabilidades, de resistências e de poder, assim como o trabalho e as trajetórias profissionais.

Diante disto, devem-se destacar a forma como situações sociais tão delicadas necessitam de métodos que olhem para o indivíduo, e o uso de histórias de vida para pesquisas com refugiados e pessoas em situações extremas.

4. Notas Metodológicas

“É na especificidade de cada história que vamos encontrar a via a seguir, o modo de trabalhar. Caso contrário, corremos o risco de recolher a história que desejamos”
(BARROS E TARABAL, 2014, p.54).

O presente artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla que busca, dentre outros objetivos, construir uma ponte entre os estudos da Administração e a situação em que vivem milhares de refugiados no Brasil, considerando o potencial de mudança social que há na prática de pesquisa e na relação entre universidade e sociedade. Desse modo, esse trabalho é de natureza qualitativa, de caráter exploratório, e se organizou em três etapas.

A primeira etapa, apresentada anteriormente, tratou da reflexão sobre a conexão entre as pesquisas acadêmicas e a sociedade, mais especificamente sobre o tema refugiados na área de Administração e sua operacionalização. Assim, a partir de pesquisa bibliográfica, foi apresentada a abordagem da história de vida como uma ponte para essa relação, e as questões teórico-metodológicas que envolvem essa discussão.

A segunda etapa ocorreu com a contextualização da realidade de refugiados e desse cenário no Brasil, metaforicamente representada como “um dos lados da ponte” da conexão proposta (tema refugiados – área da Administração). Por fim, a terceira etapa apresenta levantamento bibliográfico, a partir das técnicas de estudo bibliométrico, para mapear os trabalhos publicados sobre o tema na área da Administração.

5. Do Outro Lado da Ponte: Discussão dos Resultados

5.1. Métodos biográficos e operacionalização da pesquisa com história de vida

Os desafios do pesquisador no uso de métodos biográficos atravessam as discussões epistemológicas, chegando até questões mais pontuais que envolvem sua operacionalização e análise. Entretanto, sob os métodos biográficos há relevante diferença em algumas abordagens que podem ser aplicadas de formas variadas, de acordo com os objetivos das pesquisas - ressaltando que, na área de Administração, a história oral e a história de vida apresentam maior aplicação.

Sobre isso, diferentes trabalhos como os de Silva et al. (2007), de Queiroz (1988) e de Rigotto (1998) trazem as diferentes metodologias que compõem o que seriam os métodos biográficos: história oral, biografia, autobiografia e história de vida. Essas diferenças foram organizadas e apresentadas no Quadro 1, com base em Silva et al. (2007).

Quadro 1 - Síntese dos métodos biográficos

História oral	Biografia	Autobiografia	História de vida
Elaboração de um projeto	Utilização de diversas fontes	Discurso direcionado ao leitor	Preocupação com o vínculo entre pesquisador e pesquisado
Definição prévia de um grupo de pessoas a serem entrevistadas	Recolhimento enviesado dos dados	Preocupação com a sequência temporal	Há produção de sentido tanto para o pesquisador quanto para o sujeito: "saber em participação"
Planejamento da condução das gravações	Irrelevância da falta de relação entre pesquisador e sujeito pesquisado	Intencionalidade	História contada da maneira própria do sujeito
Transcrição e conferência dos depoimentos			Ponte entre o individual e o social
Inexistência da preocupação com o vínculo			

Fonte: Reproduzido de Silva et al. (2007, p. 28)

Dadas as especificidades dos métodos biográficos, é possível perceber dois pontos centrais nas abordagens, que são 1) a estrutura narrativa e a 2) relação entre pesquisador e pesquisado. Se a primeira aparece como ponto convergente entre as quatro abordagens, por outro lado, a segunda está no cerne do que as diferencia. Junto dela estão também as críticas, já mencionadas anteriormente, que apontam o método de história de vida como muito subjetivo e, por isso, pouco científico. Entretanto, além de importante no processo de pesquisa em história de vida, a relação entre pesquisador e pesquisado, mais do que uma característica do método, é, também, um caminho para a construção de uma relação de confiança que permite a restituição da própria vida desses sujeitos durante as entrevistas.

Um importante caminho metodológico a se destacar diante desse debate é o uso de métodos complementares aos métodos biográficos. Ainda que não seja uma regra, essa foi prática identificada desde o trabalho seminal de Thomas e Znaniecki (1918) e apresentada por outros autores, que evidenciaram as potencialidades de complementação a partir do uso de documentos pessoais, de documentos públicos, de observação e até mesmo de etnografia.

No entanto, vale destacar que a importância da utilização de outros métodos complementares – e, em certa medida, a sugestão de triangulação de métodos e fontes – não se dá pela necessidade de generalização ou para o desenvolvimento de uma explicação totalizante,

mas de enriquecer a análise que cruza as experiências individuais e os sentidos a ela atribuídos às experiências do mundo objetivo.

Dessa forma, alinhada à busca pelas contribuições que a pesquisa com história de vida pode trazer aos estudos com refugiados, propõe-se aqui a triangulação de métodos, como história de vida, etnografia e análise do discurso – essa última, mais especificamente, análise da narrativa - sem que haja necessidade de seguir ordem linear entre os métodos.

Na análise da narrativa, as histórias de vida são narrativas que podem ser analisadas como estruturas implícitas do discurso, atentos que

as narrações nos interessam não apenas como histórias pessoais, mas, sobretudo, como pretexto para compreender um objeto, uma situação, um universo social desconhecido. Embora a situação de pesquisa gire em torno das histórias dos sujeitos, o recorte analítico é que vai diferenciá-las, na medida em que ele poderá ser guiado por questões centradas sobre a pessoa, o trabalho, as escolhas teóricas e/ou militantes, os engajamentos, as participações, a experiência, a gestão, a formação, a saúde, a educação, etc., mediadas por conceitos e teorias que sustentarão as análises dialogando com a narrativa. (BARROS E TARABAL, 2014, pp. 55-56)

Por outro lado, e complementar a essa possibilidade de análise, está o trabalho etnográfico, que permite não só o aprofundamento no tema, mas também o convívio e a observação da realidade em que está inserido aquele sujeito. Como exposto anteriormente, parte dessa abordagem está na necessidade de uma relação de confiança entre entrevistador e entrevistado e, por esse motivo, além de enriquecer o campo, a pesquisa etnográfica contribui, também, para a aproximação entre os indivíduos da pesquisa.

Vale ressaltar que, nessa relação, uma prática muito rica e praticamente necessária é a análise conjunta, entre entrevistado e entrevistador, das primeiras entrevistas e primeiras transcrições. Esse acompanhamento atinge não só o contar a vida e a experiência de cada um, mas enriquece a análise a partir do olhar de quem está diretamente envolvido, tanto quanto o pesquisador no projeto.

5.2. A universidade e seus muros: estudos sobre refugiados na área da Administração no Brasil

Uma importante etapa no desenvolvimento desse estudo foi a análise de como a área de Administração, no Brasil, tem olhado para a questão dos refugiados, dada a relevância do tema como também a necessidade de discussão sobre temas como trabalho e renda, ressocialização, organizações e gestão de políticas públicas.

Nesse sentido, entende-se que as pesquisas desenvolvidas nas universidades são importante passo na contribuição de propostas e de ações que busquem a superação do atual contexto de marginalização de milhares de refugiados no Brasil. Mais do que extrapolar os muros da universidade, é importante - e necessária - a reflexão sobre como as diferentes áreas do conhecimento podem, a partir de suas pesquisas, construir propostas e ações de intervenção.

Alinhado a esse entendimento, foram utilizadas técnicas de estudo bibliométrico para identificar as publicações sobre o tema na área de Administração no Brasil, a partir de busca

nas principais bases de dados nacionais e internacionais, entre elas, Periódicos CAPES, Academic Search Premier - ASP (EBSCO), Cambridge Journals Online, Highwire Press, Nature (NPG), Oxford Journals (Oxford University Press), SciELO.ORG, Science (AAAS), ScienceDirect (Elsevier) e Springer Link (MetaPress).

A primeira etapa da busca se deu utilizando o termo “refugiado”, apresentando, como resultado, 31.671 trabalhos, que abrangiam todas as áreas e documentos disponíveis. Desse modo, foram feitos, manualmente, alguns filtros de pesquisa, iniciando por “artigos e *peer review*”. Isso gerou, como novo resultado, 5.830 trabalhos; em seguida, selecionou-se o filtro “artigos de periódicos”, com o resultado de 5.759 artigos; e, por fim, foi selecionada a área de Administração, com resultado final de 62 artigos, que foram verificados relativamente aos seguintes critérios de exclusão:

- 1) artigos que tinham o termo “refugiado” mas não no mesmo sentido daquele utilizado nesta pesquisa;
- 2) trabalhos em que o termo “refugiado” aparece em algum tipo de contextualização, sem que fosse o tema da pesquisa; por exemplo, um artigo que tratava sobre a rede de narcotraficantes na Flórida e que usou refugiados cubanos no contexto da pesquisa; e
- 3) artigos repetidos por estarem indexados em mais de uma base de dados.

Vale ressaltar que o termo “refugiado” tem o mesmo sentido e escrita que na língua espanhola; desse modo, destacou-se a predominância de trabalhos em espanhol. Além disso, há ausência de trabalhos que levantem questões sobre os refugiados e o seu processo de ressocialização relacionadas com atividades que envolvam emprego, mercado de trabalho, carreira e atividades empreendedoras e de autoemprego.

Nesse sentido, apenas dois artigos revelaram relação com o tema: duas pensatas, publicadas na Revista de Administração de Empresas (RAE) nos anos de 2007 e 2011, respectivamente.

No primeiro trabalho, intitulado O estrangeiro e o novo grupo (Freitas e Dantas, 2011), os autores tinham, como objetivo, reflexão sobre as formas como o estrangeiro enfrenta os desafios de um novo grupo. Nesse sentido, as organizações foram pano de fundo para discussão que apontou questões culturais, políticas e econômicas, a partir de categorias como o exilado (onde foram citados os refugiados), o imigrante e o expatriado nas organizações.

No segundo trabalho, intitulado Cultura Econômica do Empreendedorismo Étnico: Caminhos Da Imigração Ao Empreendedorismo (HALTER, 2007), a autora citou, dentre outros tópicos, sua pesquisa com refugiados da África ocidental para os Estados Unidos, e a atividade empreendedora dessas pessoas. No trabalho, é destacada a importância de uma educação empreendedora para os refugiados e algumas iniciativas que já ocorrem nos EUA. A esse respeito, é abordada também a formação de um nicho étnico a partir da abertura de novos negócios por essas pessoas.

Dado que apenas as duas pensatas apresentadas acima foram identificadas no levantamento feito, mais do que uma ação necessária, o trabalho com refugiados é fundamental para o reestabelecimento de suas vidas e contribuição para a superação de problemas tão agudos.

5. Considerações Finais: Limites e Possibilidades de uma Agenda de Pesquisa

O presente trabalho teve o objetivo de analisar o uso da história de vida para o desenvolvimento de pesquisas que trabalhem com temas sensíveis e atuais como o tema dos refugiados e o reflexo desse tema nas pesquisas em Administração no Brasil.

Dessa forma, foram levantadas questões teórico-metodológicas a respeito da cientificidade e da contribuição dessa abordagem de pesquisa, o que permitiu a compreensão do alinhamento entre os dois temas, e a capacidade de transformação que a pesquisa com história de vida tem no trabalho e na relação pesquisador-pesquisado.

Ademais, foram pontuados caminhos metodológicos importantes para a operacionalização desse tipo de pesquisa, ainda que a literatura sobre o tema não apresente um *modus operandi*, visto que cada método de coleta e de análise deverá seguir as especificidades de cada pesquisa.

Posto isso, como sugestão foi apontada estrutura de pesquisa baseada em análise da narrativa e em etnografia enquanto métodos complementares na pesquisa com refugiados e história de vida.

Sobre a análise das pesquisas que tratam dos refugiados em Administração no Brasil, os resultados mostraram um silêncio acerca do tema e a ausência de propostas que reflitam e que busquem a construção de soluções para melhorar as condições de vida de milhares de pessoas que vivem em condição de refúgio no nosso país. Se, por um lado, trabalha-se para conceder refúgio aos que chegam até o Brasil, por outro, é importante que essas pessoas possam reconstruir as suas vidas aqui, e que esse processo seja criticamente pensado e analisado. Isso evidencia a importância dos estudos em Administração para reflexão e para a busca de soluções que extrapolem os muros da universidade.

Nesse sentido, como sugestão para pesquisas futuras destacam-se não só alguns caminhos possíveis dentro da perspectiva discutida nesse trabalho, relacionados ao uso de histórias de vida para a pesquisa com temas sensíveis e complexos, como também a contribuição que podem ter as pesquisas na área de Administração para o contexto dos refugiados no Brasil:

- a) Compreender os sentidos do trabalho para refugiados e o seu papel no processo de ressocialização deles;
- b) Analisar e problematizar as barreiras socioculturais para a inserção de refugiados no mercado de trabalho;
- c) Analisar o processo de ressocialização dos refugiados no Brasil a partir de uma perspectiva crítica que trate de questões da aculturação como um novo processo de colonização;
- d) Analisar as práticas de consumo no processo de ressocialização dos refugiados no Brasil e os significados por eles atribuídos;
- e) Analisar as organizações que trabalham no recebimento, registro e ressocialização dos refugiados no que tange a seus processos constitutivo e organizacional; e

- f) Analisar o impacto das políticas públicas e a estrutura organizacional das organizações que, respectivamente, regulamentam e operacionalizam as atividades com refugiados no Brasil.

Com esse trabalho, espera-se dar um primeiro passo em projeto de pesquisa mais amplo que permita, de alguma forma, melhorar a realidade de milhares de pessoas que conseguem acessar o País, mas ainda aguardam para nele viver.

Referências

- AVELAR, A. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites, tensões. **Dimensões**, v. 24, n.1, p. 157-172, 2010.
- BARROS, V. A.; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, E. M. **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional uma abordagem teórico-conceitual**. [Recurso eletrônico] Vitória: EDUFES, 2014, Cap.3, p. 41-63.
- BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BECKER, H. A escola de Chicago. **Mana - Estudos de Antropologia Social**, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.
- BERTAUX, D. El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades. **Proposiciones**, v. 29, n.56 p. 1-23, 1999.
- _____; KOHLI, M. The life story approach: A continental view. **Annual review of sociology**, v. 10, n. 1, p. 215-237, 1984.
- BOUILLAUD, J. P. A autobiografia: um desafio epistemológico. In: TAKEUTI, N.; NIEWIADOMSKI, C. (Org.). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, p. 33-60, 2009.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, p.183-191, 1996.
- BRASIL. Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 22 jul. 1997. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm> Acesso em: janeiro de 2017.
- BRASIL. Sistema de Refúgio brasileiro: desafios e perspectivas. In. **Ministério da Justiça e Segurança Pública. CONARE**. (2016). Disponível em: <<<http://www.justica.gov.br/noticias/brasil-tem-quase-9-mil-refugiados-de-79-nacionalidades-1>>> Acesso em: janeiro de 2017.
- G1. **Número de concessões de refúgio cai quase 30% em um ano**. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/numero-de-concessoes-de-refugio-no-brasil-cai-quase-30-em-um-ano.ghtml?utm_source=push&utm_medium=app&utm_campaign=pushg1> . (2017). Acesso em: fevereiro de 2017.
- GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL. 1989.
- GUÉRIOS, P. R. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 12, n. 1, p.9-29, 2011.
- JUBILUT, L.L. Refugee law and protection in Brazil: a model in South America?. **Journal of Refugee Studies**, v. 19, n. 1, p. 22-44, 2006.
- McADAMS, D. P. Narrating the self. In: KENYON, G., BIRREN, J.; RUTH, J.-E.; SCHROOTS, J.; SVENSSON, T. **Ageing and biography: Explorations in adult development**, Nova York: Springer, p. 131-148, 1996.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: VON SIMSON, O.M (org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v.5, 68- 80, 1988.

RIGOTTO, R. M. As técnicas de relatos orais e o estudo das representações sociais em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 3, p. 116-130, 1998.

RUDMIN, F. W. Critical history of the acculturation psychology of assimilation, separation, integration, and marginalization. **Review of general psychology**, v. 7, n. 1, p. 3, 2003.

SILVA, A.P.; BARROS, C.R., NOGUEIRA, M.L.M.; BARROS, V.A. "Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: estudos em psicologia**, v. 1, n. 1, 2007.

THOMAS, W. I.; ZNANIECKI, F.; STRÜBING, J. **The polish peasant in Europe and America**. Urbana: University of Illinois Press, 1984.

VILLEN, P. Qualificação da imigração no Brasil: um novo capítulo das políticas imigratórias?. **RURIS-Revista do Centro de Estudos Rurais-UNICAMP**, v. 6, n. 1, p.107-126, 2012.

_____. O trabalho forçadamente indocumentado e institucionalmente silenciado: a imigração dos "periféricos emergenciais" para o Brasil. **Revista da ABET**, v. 14, n. 2, p.186-198, 2016.